

Conjuntura e concepções políticas em “A Formação do PCB”, de Astrojildo Pereira

Luan Eloy Oliveira¹

Resumo: O objetivo da comunicação é analisar as conjunturas e as concepções políticas apresentadas pelo influente militante comunista Astrojildo Pereira Duarte da Silva em sua obra “A formação do PCB”, publicada em 1962. A pesquisa propõe discutir a conjuntura política dos primeiros anos da República brasileira e, mais especificamente, o processo de formação e de intervenção política do Partido Comunista do Brasil, no período de 1922 a 1928 a partir da visão de um dos seus fundadores, Astrojildo Pereira, com ênfase em suas concepções sobre o movimento operário e o papel desempenhado pelo partido.

Palavras-chave: Astrojildo Pereira; Movimento operário; PCB.

A conjuntura econômica e política mundial em fins do século XIX e nas primeiras décadas do seguinte foi marcada por acontecimentos amplos que alteraram as formas de agir e de pensar dos homens e das mulheres em várias partes do mundo. Nesse cenário, ganham destaque os acelerados processos de capitalização, industrialização e urbanização, as intensas movimentações operárias, a I Guerra Mundial, a Revolução Russa e as ideologias políticas. O Brasil, recém-saído de uma monarquia constitucional e de uma estrutura econômica sustentada na mão-de-obra escrava não ficou imune às alterações ocorridas na Europa e diversos estudos têm demonstrado a complexidade da sociedade brasileira em variados campos, reabrindo questões importantes sobre a História política, econômica e cultural do país, além de apontar outras demandas para investigação. No que se refere especificamente às pesquisas sobre o movimento operário e suas ideologias, verifica-se um crescimento do número de trabalhos que têm contribuído para uma melhor compreensão sobre as experiências políticas dos trabalhadores brasileiros em suas primeiras tentativas de organização.

As origens da classe operária brasileira em fins do século XIX ainda carecem de aprofundamento. Apesar disso, já é possível rever as análises que generalizam as experiências ocorridas no centro-sul – São Paulo e Rio de Janeiro – para outras regiões do país. De fato, a composição do operariado não se reduz à origem estrangeira – italiana –, composta por indivíduos qualificados e anarquistas como se convencionou

durante muito tempo, sobretudo, em alguns estudos sociológicos publicado na década de 1960². Sobre a contribuição destes trabalhos, Aldrin Castellucci comenta:

Ao reduzir a história da classe operária nacional ao seu movimento no que hoje é o principal centro industrial e econômico da federação, esses autores obscureceram tudo aquilo que não se parecia a um padrão esquemático no qual os operários eram imigrantes estrangeiros (em geral italianos), qualificados, politizados e geralmente inclinados a apoiar o anarquismo³.

Estas análises são acrescidas de uma forte tendência em dividir a história do movimento operário, e principalmente a composição do mesmo, em duas etapas: antes de 1930, com a forte presença dos trabalhadores imigrantes, e posteriormente a essadata quando grande parte dos trabalhadores seria constituída pela “migração nordestina”, “de origem rural” e “não qualificados ou semiquilificados” que somente se integrariam à sociedade industrial após um intenso processo de “adestramento”⁴. A superação desses paradigmas deve muito aos estudos desenvolvidos por brasilianistas⁵, que, segundo Claudio Batalha, “tem um peso fundamental para a revisão da composição da classe operária proposta pela produção sociológica, ao apontar a origem rural da maioria dos imigrantes sem experiência industrial anterior, e sem participação política nos seus países de origem”⁶.

Nos últimos anos, a produção historiográfica sobre os movimentos da classe operária no Brasil tem diversificado bastante os seus enfoques, abrangendo novos temas relacionados não apenas aos aspectos políticos e econômicos como também questões vinculadas ao cotidiano, à cultura, e à memória dos trabalhadores, além de recuperar a trajetória de militantes, ganhando assim em consistência e significância⁷.

Todavia, a ampliação dos estudos sobre essa temática não esgota as possibilidades de novas incursões. Nesse sentido, um aspecto importante diz respeito à fundação e organização do Partido Comunista do Brasil (PCB) e a trajetória dos seus principais dirigentes, mais especificamente, as concepções políticas que embasaram suas análises e intervenções nos primeiros anos de constituição dessa organização partidária. É nessa perspectiva que a presente pesquisa, em fase inicial de desenvolvimento, propõe discutir as concepções políticas de Astrojildo Pereira (1890-1965) por meio de uma das suas principais obras: “A Formação do PCB”, com o objetivo de compreender o pensamento de um dos maiores militantes da história do Partido Comunista do Brasil.

Nascido no Rio de Janeiro em 1890, Astrojildo Pereira Duarte da Silva envolveu-se desde muito cedo em debates e discussões políticas. Sua posição social, filho de um médico ocupado também com uma pequena propriedade rural e atividades de comércio, permitiu-lhe acesso a uma boa educação. Aos 16 anos abandonou a educação formal, aproximou-se do ateísmo, anticlericalismo e do pensamento anarquista, passou então a utilizar de suas habilidades literárias e jornalísticas como o seu principal meio de intervenção no cenário político. Em seus textos e artigos publicados em jornais operários assinados por pseudônimos como Astper, Tristão, Pedro Sambê, Alex Pavel, Cunhambebe, Máximo X e Aurélio Corvino, Astrojildo Pereira expressava suas críticas políticas com forte influência do ideário anarquista, sendo esse posicionamento uma questão que ainda carece de maior esclarecimento. Participou do movimento de protesto contra o fuzilamento do pedagogo anarquista Francisco Ferrer em 1909, ocorrido em Barcelona, bem como de importantes eventos políticos nacionais, a exemplo do Segundo Congresso Operário Brasileiro, em 1913 e a frustrada insurreição anarquista em 1918, que ao lado de grandes militantes anarquistas como José Oiticica, Agripino Nazareth e João da Costa Pimenta e sob o impacto da Revolução Russa (1917) tinha como objetivo derrubar o governo central brasileiro⁸. Mas fora, sem sombra de dúvidas, a sua colaboração na fundação e organização do Partido Comunista do Brasil o maior marco em sua trajetória, e, ainda que não tenha sido estudado a fundo, as suas biografias e estudos que colocam em foco a sua trajetória política reafirmam a sua relevante participação⁹.

A história dos primeiros anos do PCB se confunde com o movimento de organização dos trabalhadores e as suas primeiras experiências políticas. Os seus posicionamentos políticos, as táticas e estratégias de intervenção, as ideias marxistas utilizadas ajudam a compreender as concepções políticas de seus dirigentes, bem como as orientações fornecidas aos militantes. No Partido Comunista do Brasil, que ajudou a fundar em 1922, Astrojildo Pereira foi eleito como Secretário Geral. Entre os anos de 1929 e 1930, residiu na URSS, período em que redigiu cartas destinadas ao Brasil nas quais relatava a situação econômica, social e política dos soviéticos e, que posteriormente, em 1934, iriam contribuir para a composição de mais um dos seus trabalhos, *URSS, Itália, Brasil* em que procura analisar experiências políticas e sociais destes países nas primeiras décadas do século XX. Para ele, a URSS, um Estado conduzido pelo proletariado, apresentava grandes progressos econômicos e sociais; a

Itália, dominada pelo fascismo, possuía um caráter evidente de dominação burguesa, atraso e estagnação econômica com a supressão das liberdades e degradação das condições de vida e trabalho e no Brasil verificava-se o avanço dos integralistas numa adaptação do fascismo italiano. O intuito ao tratar da realidade brasileira era combater os princípios integralistas demonstrando a experiência soviética como um objetivo a ser seguido.

A partir de 1930 o Partido Comunista do Brasil passa por uma significativa alteração em sua organização, trata-se da *proletarização* ou *obrerismo* do partido¹⁰. Esse processo é marcado por afastamentos, expulsões ou rebaixamentos dos antigos dirigentes do partido, tidos como intelectuais ou criticados por defesa de um programa pequeno-burguês, sendo então substituído por operários. Decorre disto o afastamento de vários militantes, entre eles Leôncio Basbaum, “isolado da direção do PCB”, Paulo Lacerda e Fernando Lacerda, este afastando-se do cargo de secretário geral em 1931 alegando caber-lhe a um “operário autêntico”¹¹. Insatisfeito e também criticado, Astrojildo Pereira solicita o seu afastamento do partido retornando somente em 1945, momento em que o PCB consegue a legalidade. Mesmo durante o seu afastamento, permaneceu atuando por meio dos seus escritos jornalísticos e literários¹². Faleceu em 1965 ainda filiado ao partido.

Poucos anos antes de morrer, em 1962, Astrojildo Pereira publicou o seu livro “Formação do PCB” pela Editorial Vitória. Seu objetivo era fazer uma reflexão sobre os primeiros anos de vida do partido. O texto, todavia, procura abordar a situação política, econômica e social vivenciada pela classe operária brasileira durante a Primeira República, mais precisamente a partir de 1906 com a tentativa de organização da Confederação Operária Brasileira (COB) somente concretizada dois anos depois. Sua argumentação é construída no intuito de comprovar que “o Partido Comunista do Brasil nasceu das lutas operárias que agitaram o país durante os anos de 1917 a 1920, e se formou sob a influência decisiva da Revolução socialista de Outubro”¹³ e seu recorte temporal finda-se em 1928, data do III Congresso do PCB, caracterizado pela forte autocrítica nas linhas da direção do partido¹⁴. Astrojildo Pereira escreve sob a justificativa de contribuir através do seu depoimento e visão sobre o período de formação do PCB à história do partido, para ele a atuação do PCB na década de 1920 é a menos estudada e, portanto a que mais carece de esclarecimentos¹⁵.

As décadas de 1950 e 1960 assinalaram importantes mudanças na organização e no pensamento político não só do PCB mas do movimento comunista a nível mundial. Dentre as alterações, destacam-se a Revolução Chinesa, em 1949, e o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS);

A vitória da revolução chinesa foi recebida com surpresa e euforia pelos comunistas brasileiros, na época agrupados em torno do Partido Comunista do Brasil. A euforia tinha fundamento, o capitalismo internacional sofria uma grande derrota. O mundo socialista, no mesmo movimento, saía engratecido em territórios e população. Mais um irmão - e que grande irmão - para a família socialista em expansão¹⁶.

O fato é que a revolução vinda do Oriente ao mesmo tempo em que somava-se ao movimento comunista internacional o incitava à uma análise das experiências e do pensamento formulado pelo líder chinês Mao Zedong. Inicialmente o sucesso do processo desencadeado na China mostrou-se como estratégia revolucionária aos povos inseridos à um processo de colonização ou dependência sob dominação imperialista, gradualmente tal estratégia expandiu tomando corpo e ganhando paulatinamente um caráter universal. As doutrinas e concepções políticas na China eram frutos de um processo de construção nacional singular, no qual o marxismo, a tradição chinesa e suas experiências sociais e econômicas combinaram-se. O maoísmo adquirira feições próprias¹⁷.

Em fevereiro de 1956 realizou-se o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), onde o então secretário-geral Nikita Khrushchev apresentou aos delegados soviéticos um relatório no qual denunciava a postura do antigo dirigente do país – Joseph Stálin, falecido em 1953 –, para perseguir e eliminar opositores. O episódio repercutiu mundialmente propiciando um momento de inflexão nos partidos comunistas orientados pela URSS. No Brasil, as críticas dentro do Partido Comunista direcionaram-se inicialmente para a “falta de democracia interna” e ao “dogmatismo”¹⁸. As divergências se acentuaram tornando ainda mais complexa a unidade em torno de questões polêmicas como táticas, formas de organização e o caráter da revolução no Brasil. Em 1961, o Partido Comunista do Brasil altera o seu nome para Partido Comunista Brasileiro no intuito de descaracterizar-se como uma mera seção do partido soviético, “nacionalizando-se”. Os dissidentes entre agosto de 1961 e fevereiro de 1962 criam, ou recriam, o Partido Comunista do Brasil que rompem publicamente com as

orientações soviéticas e passam a constituir um novo movimento marxista-leninista sob liderança maoísta”¹⁹. Como parte dessa intensa e conturbada conjuntura política, a obra *A formação do PCB* propõe uma reflexão sobre os primeiros passos do partido, possivelmente delimitando o posicionamento de Astrojildo Pereira, ao apontar os erros e acertos do partido, bem como as limitações determinadas pela precariedade teórica do pensamento marxista no Brasil durante as primeiras décadas.

O livro procura mostrar que em março de 1922 surge no cenário político brasileiro um partido sob a denominação comunista que pretendia aglutinar em torno de si a classe operária e conduzi-la, através da revolução social, para um futuro sem exploração e de libertação. Para Astrojildo Pereira, a formação do Partido Comunista do Brasil era a representação do amadurecimento do movimento operário. Significava a superação da sua fase “embrionária”.

As primeiras décadas do século XX assinalaram intensa mobilização dos trabalhadores. Astrojildo Pereira ressalta o seu significado:

Todo aquele período de 1917/1920 caracterizou-se por uma onda irresistível de greves de massa, que em muitos lugares assumiram proporções grandiosas. Já antes de junho de 1917, tinha havido a greve geral em São Paulo, paralisando completamente a cidade durante alguns dias[...] Em 1918, 1919, 1920, no Rio, de novo em São Paulo, em Santos, em Pôrto Alegre, na Bahia, em Pernambuco, Juiz de Fora, Petrópolis, Niterói [...] ²⁰.

Esta vaga grevista é confirmada pela análise de Boris Fausto que, ao pesquisar os movimentos ocorridos entre os anos de 1917-1920 referentes a São Paulo (capital e interior) e ao Rio de Janeiro (Distrito Federal) contabilizou a ocorrência de mais de 200 greves operárias²¹. Para Astrojildo Pereira essa movimentação operária deve ser considerada como parte constitutiva e essencial para o desenvolvimento do Partido Comunista. Sua análise não valoriza os movimentos operários ocorridos no período pelos seus aspectos próprios (reivindicações, posicionamentos, ganhos, organicidade, consciência política). Considerar que fora o PCB a expressão da maturidade do movimento das classes operárias, a partir de uma perspectiva evolucionista é em grande parte não levar em conta que a multiplicidade das formas de organização, mobilização e conscientização dos movimentos operários não significa uma forma menos evoluída. Para Astrojildo Pereira embora existira grande movimentação operária durante as primeiras décadas, essas só se tornam de fato relevantes à medida em que contribuíram

para a superação das condições objetivas e subjetivas ao qual movimento operário estava preso impedindo a formação de uma organização com atuação centralizada, efetiva e que representasse relevância no cenário político nacional.

No que diz respeito à evolução das condições subjetivas, a partir da análise da obra de Astrojildo Pereira pode-se afirmar que a superação da ideologia anarquista significava, em sua interpretação, a da maturidade do pensamento comunista no Brasil. De certo modo, a predominância da ideologia anarquista no seio do movimento operário durante a Primeira República fora, para o dirigente, um grande prejuízo, daí a necessidade de combater a sua influência no seio do operariado. Conforme observa: “a luta ideológica de crítica à orientação anarquista era, sobretudo uma luta contra o sectarismo, fator de divisionismo, isolamento e impotência”²². Este posicionamento pode ser em parte explicado pelo fato de a ideologia anarquista ter sob os seus fundamentos a crítica à participação eleitoral e sua ferrenha posição contrária à qualquer forma de centralização. Na visão de Astrojildo Pereira, estas concepções provocaram enormes prejuízos à organização operária em seu período de gestação sendo desfeitas, porém, a partir do momento em que o verdadeiro caminho para o movimento operário fora encontrado com a organização do partido.

A *Formação do PCB* reafirma a ideia de que toda a mobilização operária, anteriormente à formação do partido em 1922, assim como o movimento anarquista, constituem, utilizando as palavras de Claudio Batalha²³ o que seria uma fase “pré-histórica” do movimento operário, e em Astrojildo Pereira assumem tal expressão:

A bancarrota do anarquismo fora total e com ela ficou encerrado um largo período da história do movimento operário brasileiro. E conseqüente surgimento do Partido comunista, ao mesmo tempo em que assinalava o início de um novo período, era também a revelação de que as lutas precedentes haviam produzido um rápido amadurecimento político da classe operária brasileira, que assim mostrava compreender qual o papel histórico que lhe caberia à frente da revolução social e nacional em marcha²⁴.

O autor deixa expresso que a bancarrota, o que na verdade seria um descenso do movimento anarquista iniciado na década de 1920, encerra um período da história do movimento operário. Embora o anarquismo apareça como parte constitutiva dessa história, o que prevalece é uma visão evolucionista na qual o Partido Comunista representaria o auge da organização e do amadurecimento da consciência de classe dos

trabalhadores brasileiros. Astrojildo Pereira forneceu as experiências da mudança das correntes ideológicas junto às massas a mesma reflexão que fizera sobre a mudança de suas concepções políticas:

Minha primeira paixão política séria foi Rui Barbosa. À derrota dele em 1908 iludiu-me. Crise política. Em 1908–10 tornei-me anarquista da escola de Kropotkin. Mais tarde, influência de Georges Sorel. Durante a guerra européia, contra o grupo de Kropotkine–Grave, que era favorável à participação pró-aliados; ao lado de Faure, grupo pacifista. Fui um dos organizadores de um congresso internacional pró-paz que se reuniu no Rio de Janeiro em 1916. Sob a influência da revolução russa de Lenine (1917–1920), abandonei o anarquismo, tornando-me marxista²⁵.

Desse modo, é possível perceber que sua trajetória política conduziu-o ao que para ele seria amaturidade das formulações teóricas para a compreensão da realidade brasileira e da situação do movimento operário, o marxismo. Portanto, tanto a sua evolução individual, como a evolução do movimento operário, encontram-se em um ponto em comum: a formação do Partido Comunista em 1922.

Dentre as diversas observações expostas pelo autor, uma merece atenção: a precariedade na apropriação do pensamento marxista, tanto para a compreensão da realidade quanto para a elaboração das estratégias e intervenções políticas. A história do partido, segundo Pereira, é marcada por uma trajetória de perseguição, de grande dificuldade de afirmação, tendo que, frequentemente enfrentar a ilegalidade. O PCB também se caracterizaria na luta pela representação e integração à classe operária. Estas debilidades apontadas pelo militante, seriam decorrentes da grande precariedade da fundamentação do pensamento marxista no partido, é importante ressaltar que a difusão das obras de Karl Marx no Brasil se deu muito tardiamente, o próprio *Manifesto do Partido Comunista* fora publicado no Brasil somente em 1924 sob a responsabilidade do PCB. Ao enfatizar esta precariedade teórica, Astrojildo Pereira comenta: “de um modo geral e muito sumário podemos, contudo, constatar que o seu nível teórico era baixo, mantendo-se a discussão quase que só no terreno da atividade prática dos comunistas, inclusive naqueles pontos que mais se relacionavam com a linha tática do partido”²⁶.

Fruto de uma pesquisa ainda em fase inicial de desenvolvimento, a presente comunicação intenta discutir algumas questões políticas presentes na obra de Astrojildo Pereira com o objetivo de ampliar a compreensão sobre o pensamento de um dos principais

militantes do PCB nas primeiras décadas do século XX, momento de grande relevância para o movimento operário mundial e brasileiro em particular.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) E-mail: luan_elo@hotmai.com

² LOPES, Juarez Brandão. *Sociedade industrial no Brasil*. São Paulo: Difel, 1964; RODRIGUES, Leoncio Martins. *Conflito Industrial e Sindicalismo no Brasil*. São Paulo: Difel, 1966; RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difel, 1968; SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado*. Suas relações na formação do proletariado de São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo 1966.

³ CASTELUCCI, Aldrin Armstrong. *Salvador dos operários: uma greve geral de 1919 na Bahia*. Salvador: UFBA, 2001.

⁴ LOPES, Juarez Brandão, op. cit., 29-33.

⁵ MARAM, Sheldon Leslie. *Anarquistas, imigrantes e o movimento operário brasileiro 1890-1920*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. DULLES, John W.F. *Anarquistas e comunistas no Brasil (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

⁶ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. A historiografia da classe operária no Brasil: Trajetória e tendências. In: *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998. p. 150.

⁷ BOSI, E. *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo. Companhia das Letras, 2005. RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. São Paulo: Brasiliense, 1986. DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida Fora das fábricas cotidiano operário em São Paulo 1920-1934*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. HARDMAN, Francisco Foot. *Nem Patria, Nem Patrão! Vida operária e cultura anarquista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1983. VELLOSO, Mônica Pimenta. *Mário Lago: boêmia e política*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁸ A insurreição anarquista de 1918 foi um levante ocorrido no Rio de Janeiro. Fruto da influência da Revolução Russa, do alto grau de organização dos trabalhadores e da insatisfação com a política brasileira excludente e oligárquica, a insurreição tinha como um dos objetivos depor o governo local e instaurar uma sociedade baseada na autogestão e na descentralidade das organizações e sindicatos. Ver: ADDOR, Carlos Augusto. *A insurreição anarquista no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1986.

⁹ KONDER, Leandro. *A derrota da dialética: a recepção das idéias de Marx no Brasil até o começo dos anos trinta*. Rio de Janeiro: Campus, 1988. FEIJÓ, Martin Cezar. *Formação Política de Astrojildo Pereira (1890/1920)*. São Paulo: Novos Rumos, 1985. LENA JUNIOR, Hélio de. *Astrojildo Pereira: Um intransigente Libertário (1917 – 1922)*. Dissertação de mestrado. Vassouras. Universidade Severino Sombra, 1999.

¹⁰ SEGATTO, José Antonio. *Breve História do PCB*. 2ª ed. Belo Horizonte: oficina do Livro, 1989. p. 41.

¹¹ KONDER, Leandro. op. cit., 175.

¹² Destaca-se na atuação de Astrojildo Pereira a quantidade de textos publicados desde as primeiras décadas no jornal *Crônica Subversiva* no Rio de Janeiro. Publicou também no *Jornal do Brasil*, em *A voz do trabalhador*, órgão da Confederação Operária Brasileira. Seus textos também puderam ser lidos em *O Debate*, *O cosmopolita*, *Tribuna do Povo* e *A Nação*. No campo crítico literário publicou uma importante análise sobre a obra de Machado de Assis, intitulada *Machado de Assis: Ensaios e Apontamentos Avulsos*.

¹³ PEREIRA, Astrojildo. *Formação do PCB*. Rio de Janeiro: Vitória, 1962, p.13.

¹⁴ Segundo Astrojildo Pereira, críticas e divergências políticas vinham se acumulando há tempos, tornou-se então necessário a abertura de uma via de discussão e inflexão para tentativa de resolução desses entraves, que não são esclarecidos por ele. A discussão foi aberta em forma de publicação, *Auto-Crítica*, somando 8 números publicados discutia sobre: a atividade dos comunistas nos sindicatos operários, a luta contra o anarco-sindicalismo e o peleguismo, a disciplina partidária (PEREIRA, *Op. cit.*, p.110-113).

¹⁵ *Ibdi.*, p. 9-10.

¹⁶ REIS FILHO, Daniel Aarão. O Maoísmo e a trajetória dos marxistas brasileiros. In: *História do Marxismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991. p. 121.

¹⁷ *Idem*, p. 110.

¹⁸ SEGATTO, José Antonio. op. cit., p. 88.

¹⁹ REIS FILHO, Daniel Aarão. op. cit., p. 126.

²⁰ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., p. 30.

²¹ FAUSTO, Boris. *Trabalho Urbano e Conflito Social*. São Paulo: Difel, 1986.

²² PEREIRA, Astrojildo. op. cit., p. 30.

²³ BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes. op. cit., 147.

²⁴ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., p. 33

²⁵ Astrojildo Pereira *Apud* LENA JUNIOR, Hélio de. op. cit. p. 22-23.

²⁶ PEREIRA, Astrojildo. op. cit., 112.